

Apresentação “Novos caminhos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso”

Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)¹

Mariangela Rios de Oliveira (UFF/UERJ/CNPq)²

O presente dossiê, sob o título *Novos caminhos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU), oferece à comunidade acadêmica da área dos estudos linguísticos um conjunto de artigos que se debruçam sobre as mais recentes tendências de pesquisa nessa promissora vertente teórica. Também nomeada de *Linguística Cognitivo-Funcional*, a LFCU se constitui como linha de investigação funcionalista que incorpora a seus fundamentos teóricos e metodológicos a abordagem construcional da gramática, conforme apresentado em Traugott e Trousdale (2013), Hofmann e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros.

Nessa atual guinada dos estudos funcionalistas, a construção gramatical ganha destaque e é assumida como pareamento simbólico de forma e sentido, como unidade básica e convencional da língua, de acordo com Goldberg (1995, 2006) e Croft e Cruse (2004). Conforme tal concepção, a língua passa a ser entendida em termos mais abstratos e virtuais, como uma rede de construções, complexa e interconectada, em outros termos, como um *constructicon*. Esse realinhamento teórico leva a pesquisa funcionalista a tomar a língua em uso como o lócus da instanciación construcional, o ambiente contextual (DIEWALD, 2002,

¹ Professor adjunto de Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP com estágio sanduíche na Universität Erfurt sob a supervisão do professor Christian Lehmann. Membro do Conselho (Estudos Linguísticos) da ANPOLL, Vice-Coordenador do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Pesquisador do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G, UFF), do Sociofuncionalistas (UFMS/UERJ) e do Interfaces Linguísticas (UERJ). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ/FFP. E-mail: mlwiedemer@gmail.com

² Professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e professora visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores. Doutora em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutorado na Universidade Aberta - Lisboa. Pesquisadora 1C do CNPq e atual conselheira da Associação Brasileira de Linguística, entidade que presidiu no biênio 2015-2017. Líder nacional do Grupo de Estudos "Discurso & Gramática". Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF e em Letras e Linguística da UERJ/FFP. E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com

2006) em que se efetivam os *constructos*, as instâncias de uso das construções, sejam estas lexicais ou gramaticais.

Assim, hoje, o foco da LFCU reside tanto nos padrões de uso linguístico, em suas diversas e variadas manifestações, quanto nos esquemas virtuais que se manifestam a partir de tais padrões, cabendo à pesquisa nessa área lidar tanto com o que está empiricamente comprovado e atestado quanto com os esquemas abstratos que licenciam os dados empíricos, como demonstrado em Oliveira e Rosário (2015) e Rosário e Oliveira (2016). Na verdade, a pesquisa na LFCU continua a ter na língua em uso seu ponto de partida e de chegada, de acordo com a concepção funcionalista clássica, porém passa agora a integrar seu conjunto de objetos de pesquisa a construção gramatical e suas relações no *constructicon*, tanto em nível vertical (TRAUGOTT, 2008a, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), quanto horizontal e transversal (CAPELLE, 2006, VAN DE VELDE, 2014, WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018).

Além disso, com o advento da abordagem construcional, tem-se um rearranjo dos polos forma<=>função, em que o polo da forma também passa a exercer influência na constituição da unidade linguística. Assim, interessa o exame de preferências e restrições associadas a *slots* de construções, bem como a análise da relação de similaridade entre as possibilidades de preenchimento e a frequência/produtividade de compatibilização de um lexema em um *slot* de uma dada construção em relação aos lexemas que se associam a outro *slot* diferente da mesma construção. Dessa forma, destaca-se a análise colocacional de construções, que é motivada pela percepção de que o significado de uma construção tende a se harmonizar com os significados dos elementos lexicais que nela ocorram (cf. STEFANOWITSCH & GRIES, 2003, GRIES & STEFANOWITSCH, 2004a, GRIES & STEFANOWITSCH, 2004b, STEFANOWITSCH & GRIES, 2005, MACHADO VIERA; WIEDEMER, 2018).

Se, por um lado, a compatibilização de pressupostos teóricos funcionalistas e cognitivistas apresenta-se como relevante, por outro, impõe aos pesquisadores verdadeiros desafios, no sentido de se levarem em conta as especificidades e postulações de cada vertente. No que concerne à LFCU, por exemplo, mantém-se a distinção, em termos prototípicos, entre o léxico, como conjunto de categorias da língua de sentido referencial, e a gramática, como conjunto de categorias da língua de sentido procedural. A LFCU pergunta também acerca das

neonálises, ou micropassos, que levam à construcionalização, entendida, segundo Traugott e Trousdale (2013), em termos da criação de um novo e inédito pareamento de forma e função na língua, e às mudanças construcionais, como alterações ao nível da forma ou da função de um pareamento existente; em outros termos, mantém-se o foco nas trajetórias que conduzem à mudança linguística, na perspectiva histórica da investigação de cunho funcionalista, iniciada na perspectiva da gramaticalização. Outra especificidade da LFCU é a forte concepção gradiente da gramática, na proposição da hierarquia construcional e sua distribuição entre esquemas (altamente virtuais e abstratos, no nível mais alto do *constructicon*), subesquemas (famílias mais específicas de esquemas, em nível intermediário) e microconstruções (*types* específicos e individuais), segundo a concepção da direcionalidade da mudança linguística.

A par das especificações mencionadas, e até mesmo por conta de tais especificações, a LFCU tem hoje uma expressiva agenda de tarefas e desafios, tanto em termos teóricos quanto metodológicos, que contemplam justamente a temática deste volume da *Soletras*, ou seja, é, portanto, um empreendimento pioneiro em termos de escopo e ângulo, fornecendo ao leitor interessado uma gama de estudos abrangentes para o novo paradigma teórico que se apresenta.

Para iniciar o dossiê, tem-se a entrevista com Graeme Trousdale, da Universidade de Edimburgo, um dos mais renomados especialistas da área da LFCU. Nessa entrevista, o convidado responde questões formuladas por Ivo da Costa do Rosário, refletindo acerca de várias questões teóricas, desde a perspectiva diacrônica, assumida na obra de Traugott e Trousdale (2013), até temas envolvendo metodologia e variação, bem como alternativas futuras do modelo da construcionalização. Na sequência, segue-se a tradução dessa entrevista, realizada por Monclar Guimarães Lopes.

O primeiro artigo deste dossiê, “O viés funcional do pareamento simbólico *função* <> *forma* na abordagem construcional da gramática”, de Mariangela Rios de Oliveira e Ana Beatriz Arena, parte do pressuposto de que os termos *função*, *significado* e *sentido*, no contexto teórico da LFCU, sejam refinados, a fim de contemplarem a seguinte hierarquia disposta em gradiente: *esquema* / *subesquema* / *microconstrução* / *constructo*. De acordo com as autoras, a proposta construcional hierárquica assumida pela LFCU motiva o refinamento dos polos da função e da forma, a fim de que, metodologicamente, se possa dar conta desses eixos, conforme o nível em que são pesquisados. Para ilustrar tal proposição, as autoras

utilizam dados de Arena (2015), que sustentam a proposição do refinamento teórico-metodológico proposto.

Marcos Luiz Wiedemer e Vinicius Maciel de Oliveira, no artigo “Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade”, propõem um refinamento dos pressupostos da LFCU no que se concerne aos graus de produtividade e esquematicidade da construção. Os autores promovem uma reflexão acerca desses graus e, como consequência, acerca de sua relação com a gradiência inerente às categorias linguísticas. Para sustentar tal posição, consideram resultados de Cleres (2018), que confirmam a necessidade do tratamento da correlação entre graus de esquematicidade e produtividade associados a gradiência e extensibilidade.

“Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica”, artigo de autoria de Ivo da Costa do Rosário e Monclar Guimarães Lopes, assume o tratamento construcional da mudança linguística a partir de uma abordagem sincrônica. Os autores propõem o termo *construcionalidade*, como categoria analítica da LFCU, para descrever as relações entre construções no plano sincrônico, como foco nos *links* verticais e horizontais na rede construcional. Para defenderem sua proposta, Rosário e Lopes destacam que, no viés clássico da gramaticalização, em perspectiva histórica, a pesquisa funcionalista incorpora estudos sobre gramaticalidade, em abordagem sincrônica, na evidência de que, para além da abordagem histórica da mudança linguística (em termos gradualidade), há lugar para a descrição e a análise sincrônica (em termos de gradiência e variabilidade).

Maria Angélica Furtado da Cunha e Edvaldo Balduino Bispo, no artigo “Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas”, com base em resultados de análise de construções idiomáticas do português do Brasil, discutem a relação forma-função dessas construções, de modo a explicitar a gradiência aí detectada. Para tanto, os autores verificam que essas construções variam de totalmente especificadas a parcialmente preenchidas. Furtado da Cunha e Bispo constatarem ainda que construções idiomáticas são, em geral, de baixa produtividade e, prototipicamente, têm sentido muito convencional e simbólico, uma vez que não corresponde ao sentido de suas subpartes.

O artigo “Gramática Cognitiva e eventos de uso: o conectivo causal “resultado”, de Lilian Ferrari, apresenta uma proposta de análise do conectivo “resultado” do português brasileiro. A partir de dados de língua escrita, a autora destaca o modo pelo qual unidades

linguísticas são abstraídas de eventos de uso, que, por sua vez, são caracterizados como instâncias reais de uso linguístico. A análise desenvolvida evidencia que a unidade linguística “resultado” reflete a esquematização da relação entre as proposições P1 (causa) e P2 (consequência) e fornece sinalização implícita da perspectiva do falante com relação ao evento descrito em P2. Em suma, a autora assume que o conectivo sinaliza que, sob o ponto de vista do falante, P2 é indesejável e/ou contrário às expectativas.

No artigo seguinte, “A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexão em Português”, Maria Maura Cezario e Karen Sampaio Braga Alonso avaliam a abrangência e os limites do modelo teórico da construcionalização/mudanças construcionais, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a partir de sua aplicação em dados do português. Para tanto, as autoras elegem duas construções: uma quantificadora [um monte de SN] e outra qualificadora ([VA_{adv})]_{Qualit.}. Cezario e Alonso apresentam os níveis mais ou menos esquemáticos que tais construções instanciam e apontam novas construções que são geradas ou por analogia (como *uma cambada de SN*, *uma constelação de SN*) ou pela fixação de dois lexemas com um valor menos composicional como as expressões *falar alto* e *bater forte*.

Em “Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação na voz passiva”, Marcia dos Santos Machado Vieira, Júlia Lessa dos Santos e Morgana Pinheiro Albuquerque Kropf argumentam em prol do estudo de variação linguística por similaridade e ilustram a variação de padrões construcionais de predicação verbal passiva (pronominal e analítica). Exploram, mais especificamente, o espaço da predicação verbal por meio do qual se busca encobrir total ou parcialmente um papel participante previsto pelo predador (a força indutora do estado de coisas) e um papel argumental da estrutura de argumentos (agente, experienciador, dizente, portador). As autoras constatarem três possibilidades configuracionais de predicação verbal a partir do subesquema construcional de passiva pronominal e quatro dessas possibilidades a partir do subesquema de passiva analítica.

Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda são as autoras do artigo a seguir, sob o título “Construcionalização gramatical sincrônica: evidências a partir de construções avaliativas com *super* e *mega* na língua portuguesa”. Nesse texto, as autoras advogam o lugar da perspectiva sincrônica de análise no âmbito das investigações em construcionalização gramatical. Os resultados da pesquisa empreendida mostram que, nos

estudos acerca da construcionalização gramatical sincrônica de construções avaliativas com *super* e *mega*, é possível evidenciar a importante atuação do mecanismo da analogização. É nesse contexto que demonstram ainda, por meio da proposição de uma rede construcional, que microconstruções individuais articulam esquemas gerais e abstratos ao mesmo tempo em que são por eles afetadas.

No texto “Sobre links e herança construcional: uma revisão à luz da interrelação entre as construções núcleo-complemento, transitiva básica e monoargumental inacusativa”, Roberto de Freitas Junior e Priscilla Mouta Marques discutem as noções de *links* e de herança, conforme apresentadas no trabalho clássico de Goldberg (1995) e no de Diessel (2015). Para tanto, analisam a interconectividade entre três construções altamente esquemáticas do português. Como resultado, os autores destacam o compartilhamento de propriedades formais e semânticas/funcionais dos três esquemas em análise. As três construções, por exemplo, apresentam a configuração verbo + sintagma nominal com caráter menos agentivo e se caracterizam pela forte tendência de apresentarem alto grau de novidade e/ou saliência da informação, assumindo, assim, papel mais focal.

Na sequência, José Romerito Silva assina o artigo “Intensificação do verbo e mudança construcional”. O autor toma como foco a intensificação de verbos com *super*, assumindo a hipótese de que se trata de um fenômeno de mudança construcional. Silva demonstra que essa forma de intensificar o verbo difere do modo convencional e que tal esquema se configura, portanto, como uma nova microconstrução no português brasileiro contemporâneo. Quanto aos verbos intensificados por *super*, o autor aponta que são, em sua maioria, transitivos, de conteúdo cognitivo-afetivo, mais vinculados a sujeitos com os traços humano, volitivo e não-agentivo. No tocante aos fatores subjacentes à emergência da microconstrução pesquisada, Silva destaca que esse fenômeno envolve motivações cognitivas e sociodiscursivas, com ênfase para os mecanismos de analogização e de generalização, na linha de Traugott (2008b), de Bybee (2010) e de Fischer (2011).

No artigo “A arquitetura construcional do *que nem* na Língua Portuguesa: mudanças construcionais e construcionalização”, Caio Aguiar Vieira e Valéria Viana Sousa, com base em abordagem quali-quantitativa, analisam o pareamento de forma-função do *que nem* e a sanção de novos nós na rede linguística, com base nos *corpora* Popular e Culto de Vitória da Conquista – BA – *Corpora* PCVC e PPVC. Os autores destacam como resultado dessa

pesquisa que um novo nó foi formado na Língua Portuguesa com configuração formal-funcional comparativa. Constatam ainda os autores a redução da composicionalidade do *quem*, o aumento de sua esquematicidade e produtividade, evidenciando, assim, a expansão da classe hospedeira (HIMMELMANN, 2004), uma vez que novos subesquemas são acionados na rede, desempenhando a configuração formal-funcional de comparação, exemplificação e conformidade, integrantes de um *continuum* crescente de (inter)subjetividade.

A lista de artigos deste dossiê é fechada com o artigo “Uma análise construcionista da variação entre construções com verbo-suporte *DAR* no PB”, redigido por Pâmela Fagundes Travassos e Márcia dos Santos Machado Vieira. As autoras lidam com a variação entre padrões construcionais do tipo “uma X-[a/i]da”, “uma X-[a/i]dinha”, “um(a) X-(z)inh[o/a]” e “uma X-adela”, como: *dar uma caminhada*, *dar uma fugidinha* e *dar um pulinho*. Com base no princípio de não-sinonímia de Goldberg (1995) e a partir de resultados de pesquisa experimental, Travassos e Vieira confirmam a hipótese de que as construções estudadas, ao se atualizarem no discurso, põem em evidência diversos valores, como a curta duração temporal e a polidez. Além disso, algumas de suas instâncias de uso revelam indícios de variação (por convivência ou competição).

Espera-se que o conjunto de textos componentes deste dossiê – uma entrevista, a tradução e os doze artigos, sumariamente apresentados nos parágrafos anteriores –, ofereça aos leitores uma ampla, geral, complexa e aprofundada visão do estado da arte na atual vertente da LFCU. Encontram-se reunidas aqui as mais recentes tendências de pesquisa nessa área dos estudos linguísticos, cujos resultados parciais e finais ensejam a continuidade da investigação e o refinamento de pressupostos teóricos, com os respectivos ajustes metodológicos. Trata-se de uma agenda desafiadora, de um empreendimento coletivo, a ser desenvolvido no âmbito de grupos de pesquisa do país, no levantamento, na descrição e na análise das construções que integram a rede do português, dos micropassos que derivaram em sua convencionalização, levando ainda em conta relações verticais e horizontais na rede do português.

Boa leitura a todos!!!

Os Editores.

Referências

ARENA, A. B. *Construcionalização do conector "daí que" em perspectiva funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, 2015.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions* SV1-7/2006 (www.constructions-online.de, urn:nbn:de:0009-4-6839, ISSN 1860-2010, 2006.

CLERES, D. *Construções com agora em jornais do século XIX: uma perspectiva centrada no uso*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFRJ, 2018.

CROFT, W; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G (Eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

_____. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, Düsseldorf. Disponível em: <www.constructions-online.de:0009- 4-6860>. 2006.

DISSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (Eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Boston: De Gruyter, 2015. p.295-321.

FISCHER, Olga. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 31-42.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approaches to argument structure*. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRIES, S. T.; STEFANOWITSCH, A. “Extending collostructional analysis: A corpus-based perspective on ‘alternations’”. *International Journal of Corpus Linguistics*, 9(1), 97–129, 2004a.

_____. “Co-varying collexemes in the into-causative”. In: ACHARD, M.; KEMMER, S. (Eds.), *Language, culture, and mind*. Stanford: CSLI, p. 225–236, 2004b.

HILPERT, M. *Construction grammar and its applications in English*. Edinburgh: Edinburgh Textbooks on the English Language – Advanced, 2014.

- HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Oppositive or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (Ed.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.
- HOFMANN, T; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.
- MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*, n. 1, v. 1, p. 81-132, 2018.
- OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (Org). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015.
- ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016.
- STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. "Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions". *International Journal of Corpus Linguistics*, 8(2), p. 209–243, 2003.
- _____. "Covarying collexemes". *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*, 1(1), p. 1–43, 2005.
- TRAUGOTT, E. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In.: ECKARDT, R. et al (Eds). *Variation, selection, development-Probing the evolutionary model of language change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 219-250, 2008a.
- _____. "All that he endeavoured to prove was...": on the emergence of grammatical constructions in dialogal and dialogic contexts. COOPER, Robin; KEMPSON, Ruth. (Eds.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, p. 143-177, 2008b.
- TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional network. In: BOOGART, R. et al (Eds.). *Extending the scope of construction grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 141-180, 2014.
- WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Sociolinguística e gramática de construções: o envelope da variação. In.: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. (Org.) *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*, 2018, p. 41-77.